

Marçal Grilo

Ex-ministro e ex-administrador da Gulbenkian

“ Nesta eventual coligação à esquerda existem muitos ingredientes para que não corra bem. Mas, se correr bem será um facto histórico e mudará radicalmente a vida política portuguesa. Radicalmente ”

ENTREVISTA ISABEL NERY FOTO LUÍS BARRA





Foi ministro da Educação, mas não se considera político. Doutorou-se em Engenharia, mas é um estudioso da II Guerra Mundial. Gostava que em Portugal se reconhecesse mais mérito às oposições, mas duvida do sucesso de uma coligação de esquerda. Em outubro, voltou à Universidade – para aprender mais sobre os fascismos. Acaba de deixar a Fundação Calouste Gulbenkian, onde trabalhou cerca de 30 anos, e dedica parte do dia aos diários que escreve há mais de 20. Neles regista também o que aprendeu com as várias doenças graves a que sobreviveu. Graças à tuberculose considera-se hoje um ex-hipocondríaco.

Tem discordado da política seguida pelo PS nas legislativas. Como encara um Governo de esquerda, com acordo entre PS, BE e CDU?

Não sei se essa negociação vai chegar ao fim. Se chegar, que seja muito bem feita. Que não tenha grandes lacunas. Não me interessa se é a esquerda ou a direita que está no poder. Gostava era que o País avançasse. E para o País avançar precisa de compromissos alargados.

O compromisso não é uma tradição na política portuguesa.

Não. Mas há muitas matérias que foram objeto de negociações. Com Marcelo Rebelo de Sousa enquanto presidente do PSD fiz um acordo e passaram várias medidas no Parlamento, como a educação pré-escolar e o financiamento do ensino superior.

Um acordo desses, entre PS e PSD, seria hoje difícil?

Parece-me impossível. E tenho pena.

Porquê?

As soluções de compromisso são mais adequadas do que as do "quero, posso e mando". Conheço mal os partidos por dentro. Mas tenho ideia que PS e PSD são muito parecidos. Algumas das coisas que se conseguiram em Portugal nos últimos 40 anos foram compromissos que permitiram

avançar na direção certa. O País é frágil. Nenhum setor está verdadeiramente consolidado. Tenho receio que estejamos apenas a focar-nos em repor salários e pensões. É importante para as pessoas, mas não é o problema todo. Um dos riscos que corremos em Portugal e na Europa é o desaparecimento do centro.

Aceitaria melhor um acordo PS-PSD do que um acordo PS-BE-CDU?

Há anos que defendo que o País devia ter um acordo PS-PSD. Mas o PSD de hoje também é muito diferente.

Que diferença é essa?

O PSD é hoje mais liberal, mais arrogante. A coligação do PSD com CDS dificulta. Depois as eleições em outubro também não ajudaram, porque criaram uma pressão enorme para encontrar uma solução antes da discussão do Orçamento do Estado. O mais provável é não haver Orçamento aprovado no dia 1 de janeiro.

E estou preocupado: como vamos funcionar a partir daí? Com duodécimos?

O possível acordo à esquerda é sinal de maturidade da nossa democracia?

Com certeza. Alguém disse que estávamos perante um golpe de Estado. Não é golpe nenhum. Não me passava pela cabeça que viesse a acontecer. Mas é perfeitamente constitucional. A democracia está a funcionar. O País está sereno.

Há um pânico histórico relativamente ao Partido Comunista?

Para quem tenha presente os anos de 74 e 75, há receios. A atuação do Partido Comunista foi muito complicada. Estava no Governo e simultaneamente na rua. Havia uma estratégia dupla.

O compromisso que parece estar a ser conseguido com o PC pode sofrer dessa mesma dualidade?

Não sabemos... Os partidos evoluem. Mas faz-me um bocadinho de impressão que na campanha se diga que o Partido Socialista é de direita e que agora se faça um governo porque são todos de esquerda. É estranho. Mas é preciso ver. Porque uma coisa é o programa dos partidos, outra é um programa de Governo com compromissos.

A coligação de esquerda não seria a solução que escolheria?

À partida, não. Nesta eventual coligação à esquerda existem muitos ingredientes para que não corra bem. Mas, se correr bem será um facto histórico e mudará radicalmente a vida política portuguesa. Radicalmente. É um cenário completamente novo. E se for bem sucedido – a probabilidade não é muito alta, mas todos desejamos que sim –, o que desejo é que o País ande para a frente.

Se correr mal também haverá consequências.

Com certeza. Há um risco muito grande,

também na Europa, de um afundamento do centro. Poderá colocar grande pressão nos extremos e levar-nos para zonas de conflito. Passaremos agora por um período complexo e difícil, com muitas pontes cortadas. Como a que havia entre PS e PSD. Quebrar essas pontes não é útil para o País. Mas tenho confiança em António Costa. É um homem bem formado, com experiência e cultura política. Não me parece que vá meter o País num impasse internacional.

Esta "coligação" seria equacionada se não fosse António Costa o líder do PS?

Não sei... Mas depois disto, no País nada ficará como dantes.

Diz-se observador da vida política.

A passagem pelo Governo de Guterres foi um episódio? Não se considera um político?

Não. De todo. Esses quatro anos foram uma espécie de mergulho. Entrei por um lado e saí pelo outro.

Porque ficou sem ar?

Não, sem ar, não. Mas sem tempo para mim, sim. Foi um epifenómeno. Não tenho atividade política.

É militante do PS?

Não, não sou militante de partido nenhum. Estive no PS em 1981, que foi quase na Idade Média!

Porque saiu?

Percebi que não sou de partidos. Gosto de pensar pela minha cabeça e emitir as minhas opiniões sem ter de me preocupar a quem agradar. Os partidos trazem muitos constrangimentos.

Mas apoia Maria de Belém à presidência.

Sim, sou mandatário nacional, mas não é pelo PS, é por ela. Dedicou-se à política, mas não precisa da política. Conheço-a bem. É uma falsa frágil.

Considera-se um "quase especialista" em II Guerra Mundial. Porquê?

A guerra era um pano de fundo na família. Passavam muitos refugiados por casa da minha avó, em Castelo Branco, que vinham por Vilar Formoso. O meu pai era germanófilo, um entusiasta do eixo. Era uma pessoa magnífica, de uma seriedade acima de qualquer suspeita, que eu adorava. Íntegro. Fez-me sempre confusão como é que uma pessoa tão boa como ele podia ser entusiasta de um regime assassino.

Alguma vez deslindou essa contradição?

Sim, ele percebeu depois muitas coisas que não sabia.

Adriano Moreira fala do perigo de guerra hoje, perante a crise e insatisfação generalizada. Concorda?

Subscribo inteiramente. Se a situação se agravar em termos sociais, agrava-se também em termos políticos. Aparecem reações políticas extremadas, como se vê em França e na Hungria.

Com essas preocupações, aos 73 anos, e duas décadas depois de ter sido ministro da Educação, voltou a ser aluno.

Sim, estou a fazer uma cadeira de História dos Fascismos na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Sou aluno de Fernando Rosas, um comunicador magnífico. Tiro imensas notas nas aulas e procuro ser um aluno aplicado.

Como reagem os colegas de turma?

São muito jovens. No princípio ninguém me conheceu, graças a Deus!

Que diferenças notou entre a escola de hoje e a do tempo em que foi ministro?

Há uma diferença enorme na indumentária dos rapazes. No Técnico havia aulas em que era obrigatório ir de gravata. Agora, nas primeiras aulas fui de gravata porque tinha coisas a fazer a seguir, e senti-me um alien.

Mas há quem diga que não se nota muita diferença entre uma sala de aula hoje e há cem anos.

É verdade. O meu avô foi professor primário perto de Castelo Branco, até 1910. Se o trouxesse hoje cá, ele era capaz de dar uma aula. Mas um médico dessa época, que entrasse numa sala de operações, não sei se reconhecia o sítio. Nem seria capaz de interpretar nenhum dos exames. O salto na Medicina foi brutal. Nos professores, não tanto.

Como interpreta isso?

É um sinal de que a Educação ainda não deu o salto que devia dar. Nos próximos anos vamos assistir a uma grande alteração do funcionamento das escolas.

Em que sentido?

Há duas coisas muito importantes. Uma são os conhecimentos de base, como a Língua Portuguesa ou a Matemática, que não podem ser desconsiderados. Com ou sem iPads. São disciplinas estruturantes. Mas há também o segundo pilar, que é o das atitudes, e um terceiro, que são os valores: o sentido ético, a tolerância e o respeito pelos outros. Aí está o trabalho em grupo – fundamental –, a autonomia, a capacidade de relacionamento.

Usamos a palavra – que já me cansa – empreendedorismo. Mas, ao contrário do que se pensa, não serve apenas para criar empresários. É uma maneira de nos colocarmos do lado das soluções e não do lado dos problemas.

E os portugueses gostam mais de se focar nos problemas?

Os portugueses dividem-se em três grupos: os que estão sempre do lado do problema, os que estão sempre do lado da solução e os que são eles próprios o problema – um grupo terrível. Um primeiro-ministro indiano dizia: "Vocês, ocidentais, estão sempre à procura de



Sou um grande defensor de os cursos das ciências duras terem a obrigatoriedade de frequência de duas cadeiras das ciências humanas.

soluções, sem perceberem que para cada solução criam dois ou três problemas."

Estudou engenharia, mas é apaixonado por História. A Educação de hoje despreza as humanidades?

Toca um dos pontos mais importantes da Educação. Sou um grande defensor de os cursos das ciências duras terem a obrigatoriedade de frequência de duas cadeiras das ciências humanas.

A Universidade de Aveiro já faz isso.

Está testado. Harvard e o MIT têm isto.

Porque é importante esse cruzamento?

Porque o conhecimento das ciências humanas é fundamental. Têm sido tratadas como *fait-divers*. E não são. São elementos estruturantes. Nos EUA, é comum encontrar um cirurgião que é simultaneamente um grande músico. Em Londres, consulte um médico que é um superespecialista em lúpus, tem mais de 70 anos, e lidera uma banda de música, a que chamou «Lupus Band».

Teve tuberculose, cancro, e agora lúpus. O que lhe ensinou a doença?

É preciso ter um médico generalista, que olha para nós como um doente, e depois ir ao especialista para olhar só para a doença. Temos de estar sempre do lado do médico e da Medicina. Não se pode desistir. No caso do cancro da próstata fui direto a um urologista, há 11 anos. Esse já lá vai.

É um hipocondríaco assumido?

Já não. Fui até ter a primeira doença séria. Em 1990, com a tuberculose, senti-me verdadeiramente doente. A doença grave desdramatizou a hipocondria. Li *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, nessa altura. É preciso ter coragem e muita confiança na Medicina, senão somos vencidos pela doença – e pelo livro. [Risos.]

Socorre-se da ficção para resolver assuntos sérios?

Eduardo Lourenço disse uma coisa que nunca esquecerei: sabemos pouco sobre

o Estado Novo porque ainda há poucos romances passados nesse período. É muito interessante em relação ao modo como se devem estudar as coisas.

É um leitor compulsivo?

Não sou compulsivo, mas leio muito. Às vezes perguntam-me qual é o grande objetivo da Educação. Pôr os jovens a ler é fundamental. Torná-los leitores.

Ficará para a História como o ministro do pré-escolar?

Lancei o pré-escolar em 1996. Nesse verão fui passar uns dias ao Vidago. Encontrei um médico com mais de 80 anos, que me convidou para almoçar. Eu estava preocupado com um problema com os exames e ele disse-me: "Não se preocupe com isso. Faça o pré-escolar e não faça mais nada. É um grande serviço ao País". Achei que ele tinha razão.

Os exames continuam a ser assunto.

Há exames do 4.º ao 12.º ano.

Todos fazem falta?

Os do 4.º ano parecem-me a mais. O risco do excesso é transformar os professores em treinadores para os exames. É redutor. É pobre. Há mais educação para além dos exames.

É uma fonte de competitividade?

Sim. Excessiva. A competição é importante. Os portugueses gerem mal o fracasso. O sucesso está na resolução do insucesso. Vamos de insucesso em insucesso até ao sucesso. Mas o maior competidor de cada um deve ser ele próprio. Sou um grande adepto do ciclismo e do contrarrelógio, que é uma prova em que o atleta bate recordes de si próprio.

A cultura de exigência não se esgota nos exames, começa em casa. Mas também é preciso tempo para brincar. Horas frente à televisão é que não. A maior parte da televisão é imbecil.

Continua a praticar ciclismo?

Não. Nunca fui grande praticante. Tenho é uma boa biblioteca de ciclismo.

Então, nunca pedalou com o candidato à presidência, António Nóvoa?

Não.

Acaba de deixar a Fundação Gullbenkian, onde esteve 30 anos.

Que memória guarda?

Foi uma experiência rica e inesquecível. Um amigo dizia que a Fundação era uma espécie de Nirvana. Eu dizia que não, que se trabalha muito. Mas é essencial na vida portuguesa. Foram 30 anos absolutamente extraordinários. Fartei-me de chorar na festa de despedida.

É agora que se vai dedicar à publicação dos seus diários?

Faço um diário há 23 anos. Escrevo pequenas histórias, notas políticas, faço uns recortes... Não tenho planos para publicar. É uma maneira de dialogar comigo próprio. É divertido! ■■